

Maestro Nazareth

O professor Ernesto Nazareth é um eremita da arte, um solitario de Apollo

Cada dia escasseiam, na vida prosaicamente *yankee* de hoje, esses homens superiores que, devotados a um ideal da sciencia ou de esthetica, para melhor o servirem, afastam-se do tumulto improductivo das ruas, do *trottoir* das avenidas, das *causeries* dos clubs e dos salões elegantes

Quer isso dizer que, afóra os monges da Igreja, esses privilegiados para quem a solidão com Deus é um paraíso, poucos conhecemos, agora, que, cenobitas de outro credo, se enclausurem na estreiteza de uma casa, ou se enterrem vivos no deserto de si próprios.

— Não sei quem creou no nosso vernaculo o significativo verbo *ensimesmar-se*.

Quem quer que tenha sido, acertou, á maravilha, no neologismo, mas, na frivola epocha que corre, perdeu o seu tempo, porque o vocabulo ficou sem consumo, a expressiva palavra p'ra ahí se peffiticou sem applicação.

Na verdade, quem é que hoje se «ensimesma», na accepção pura do termo ?!

Quem se detem na vertigem da empolgante existencia moderna, para, um momento sequer, cair a fundo sobre si mesmo, examinando-se, consultando a propria alma, ouvindo pulsar o proprio coração, elevando-se a um mundo menos material, pairando num ambiente mais salutar, descortinando das alturas horizontes menos restrictos ?!

Quem ?!

— Poucos, bem poucos, muito raros, sem duvida. E esses poucos, e esses raros, por isso que o são, merecem applausos, porque, quasi sempre a reclusão, á que se consagram, é fecunda; o silencio, a que se votam, é precioso. Há — felizmente ainda há! — os monges da Religião, os contemplativos da sciencia, os cenobitas da arte. Dentre estes ultimos, aqui mesmo no Rio, podemos contar esse famoso compositor, o grande mestre de piano, o glorioso privilegiado da tecla e dos bellos accordes: Ernesto Nazareth. Sim, elle é, como eu firmei acima, um verdadeiro eremita da arte, um perfeito solitario de Apollo.

Foi para o surpreender em uma visita que, em companhia de um parente, cheguei até á casa onde vive o glorioso musicista. Era um destes ultimos domingos de sol fulgurante. A rezidencia do mestre é em *Ipanema*, precisamente numa rua onde a linha termina, e... o mar começa. Sim, o mar!

O mar com a sua eterna canção funebre, que é, como firmou illustre phantasista, o ulular sinistro contendo a vasta imprecação, todos os soluços e todos os gemidos desses milhões de seres, que os oceanos sepultam em seu infinito seio. Pois é assim aquelle mar, que lava as praias formosas de *Ipanema*: um mar de soluços. um mar de gemidos, um tremendo mar de imprecações. Para o maestro Nazareth elle não existe, o mar! Vivendo em sua apravel morada — um templo de arte — o musico só existe para o seu ideal. Numa abstracção completa do mundo circundante, o grande compositor tem a sua actividade, o seu sonho, a sua mesma razão de ser, dentro das 7 notas da melodia e em cima do teclado magico do seu piano.

Ah! o seu piano!... Quando naquella tarde, elle fez vibrar o seu instrumento predilecto sob as suas

mãos eloquentes, sim, eloquentes, não sei porque, numa evocação de arte e de artistas, eu me lembrei do violino de Paganini, do piano de Carlos Gomes, da mesma lyra lendária de Orpheu!

Nazareth tocou, duas horas seguidas, somente musicas suas, quer dizer, musica brasileira, a sua especialidade, o seu objectivo d'arte, a sua obsessão.

Mas... Há tocar e tocar. Há executar musica e executar...

Ha-os que tocam sem expressão, sem vida, sem eloquencia, sem alma, e portanto, sem encanto, sem entusiasmo.

Ha-os que tocam com a propria alma, com o coração todo no instrumento, e por isso empolgam, commovem, arrebatam.

E' destes ultimos o maestro Nazareth. A sua vocação para a arte data do berço, disse-nos elle, evocando saudades, despertando reminiscencias. N'aquelle tempo o Rio não tinha professores de piano.

Um maestro francez, por aqui passando, deu-lhes algumas licções de technica, aperfeiçoando assim as que sua progenitora, que era tambem pianista, lhe ministrara. Quer dizer que Ernesto Nazareth é um autodidata; mas tambem,

quer dizer que a arte musical nelle vem por atavismo; é uma questão de raça. Rememorou, e executou mesmo, peças difficeis, que sua veneranda mãe executava, já n'aquelles tempos, com graça e com habilidade profissional.

Ha um outro lado interessante, há uma outra feição atrahente na perfeição artistica desse musicista: é a sua identificação com a sua obra, a sua immensa obra correndo mundo dentro de uma aureola de sympathia, dentro d'um côro de applausos.

Antes de executar cada trecho, elle conta a historia, sempre interessante, ligada á composição. Com aquelle todo sorridente, numa eterna bonhomia, numa alegria constan e de quem vive bem com Deus e com os homens, o maestro diz, antes das notas da musica, a chronica que a borda. E' então um duplo artista: da musica e da palestra, da harmonia da palavra cantada e do rithmo, e do atticismo, e da graça, da palavra fallada.

E para quem o ouve, e para quem então d'elle se avisinha, é dobrado o encanto, porque escuta

um grande musico, e porque aprecia um formoso *causeur*, um chonista scintillante.

E ahí está, numa sinthese incolor e muito abaixo do assumpto, o que é e o que vale esse grande patricio, esse notavel artista brasileiro, que, por uma simplicidade extrema, por um temperamento de asceta, e por modestia exagerada, vive obscuro, permanece um solitario da arte, um despretencioso eremita do seu sonoro ideal.

Disse glorioso publicista que Wagner é a propria alma da Allemanha musicada, tanto o immorttal musico encarnou, na sua obra, a essencia toda do espirito germanico, tanto o genio amou o sólo natal! Fallando-se de Ernesto Nazareth, pode-se avançar, por igual, que elle é a mesma alma do Brasil em harmonias o coração da Patria em accôrdes, a indomita, e sentimental, e trasbordante indole nacional no que nós temos de mais terno e mavioso, mas tambem no que nós possuímos de mais forte, de mais heroico, de mais estuante e de mais invencivel.

ASSIS MEMORIA